

O teixo (*Taxus baccata* Linnaeus, 1753) na região de Lousada: subsídios dendrotoponímicos e arqueológicos

Manuel Nunes*

1. Introdução

A dendrotoponímia (topónimos que designam árvores ou florestas), pelo valor e variedade da informação que encerra, constitui um recurso fundamental para qualquer estudo de carácter fitológico, seja ele perspectivado no âmbito da ecologia, da geografia ou da história. Com efeito, se um topónimo tem por objectivo individualizar (Nunes, 2009:64), o nome de um lugar que deriva de uma árvore singular (*Nespereira*, *Aveleda*), de um povoamento florestal (*Salgueiros*, *Souto*) ou de uma particularidade associada a determinada espécie (*Landes*, *Baga*) representa um testemunho único e distinto do contexto do seu nascimento, das relações entre os homens e o território, das transformações que este sofreu ao longo dos tempos e de como essas transformações se incluem na evolução mais geral da sociedade ou das paisagens (Pinho, 2007:149).^{Fig.1}

Tendo por base estes pressupostos, procuramos subsidiar o entendimento do paleopovoamento do território de Lousada, olhando a paisagem antiga através de um aro botânico preservado, quer na microtoponímia de cada freguesia, quer nos materiais arqueológicos com ele relacionados. Do rol de espécies arbóreas cristalizadas na



Fig. 1 - Exemplo de um dendrotopónimo no concelho de Lousada, neste caso relacionado com a espécie *Corylus avelana* (Aveleira, Avelaneira ou Avelãzeira).

microtoponímia local, o teixo, apesar de escassamente representado, com apenas dois topónimos identificados, é uma das mais valiosas do ponto de vista paleoetnobotânico. De facto, o teixo, pelo forte simbolismo cultural que lhe está associado, mas também pelas suas peculiaridades biológicas e exigências bioclimáticas, que hoje lhe conferem o estatuto de espécie-reliquia, constitui um indicador de inestimável préstimo no que toca ao estudo das estruturas florísticas antigas deste território.

2. O teixo

O teixo (*Taxus baccata* L.)¹ é uma árvore, por vezes arbusto, dióico², até 20 metros, de grande longevidade

(superior a 1000 anos) e de crescimento lento (Catarino, 2007:126). Apresenta uma copa piramidal ou alargada e folhagem persistente. O tronco revela casca castanho-avermelhada que se descama em placas ou tiras e os ramos estendem-se quase horizontalmente com as folhas, em forma de agulhas, a apresentarem cor verde-escura na página superior e mais clara na inferior. A floração ocorre entre o final do Inverno e o início da Primavera, dando origem, nos indivíduos femininos, ao falso-fruto (sementes envolvidas por um invólucro - arilo) que tem forma

ovóide (0,6 a 1 cm). O arilo carnudo, adquire cor escarlate quando amadurece, no Verão ou no início do Outono, encerrando no seu interior uma única semente (Franco e Afonso, 1982:313).^{Fig.2} O teixo tem como particularidade biológica mais distintiva, o carácter fortemente venenoso e letal de todas as suas partes verdes, devido ao potente alcalóide (taxina) que possui e que, desde a Antiguidade, foi objecto de veneração e utilizações várias³. Nativa de grande parte da Europa, certas regiões do Norte de África e Sudoeste Asiático, o teixo ocorre de forma espontânea em Portugal, embora com uma área de distribuição actual muito restrita e circuns-

* Arqueólogo. Coordenador do Gabinete de Arqueologia da Câmara Municipal de Lousada.

¹ *Taxus* era a designação romana de teixo. Tem origem desconhecida, podendo provir das palavras gregas *tóxon* (arco, um dos usos da madeira de teixo), *táxis* (fileira, em alusão à disposição das folhas) ou *toxikón* (veneno), dadas as propriedades venenosas desta espécie (Pinho, 2007:154).

² Planta com flores unisexuadas, as masculinas e as femininas ocorrendo em indivíduos diferentes.

³ A propósito das Guerras Cantábricas, *Lucius Floros* (II, 33), refere que, para evitar a captura pelos romanos e uma subsequente vida de escravidão, os habitantes do *Mons Medullius*, símbolo da resistência ásture contra os Romanos: "(...) suicidaram-se apunhalando-se, imolando-se pelo fogo ou envenenando-se com um produto que extraem, sem dificuldade, do teixo, na sua terra."

crita a escassos e ameaçados núcleos populacionais em áreas montanhosas remotas (serras da Peneda-Gerês, Caramulo e Estrela), facto que lhe valeu a classificação com o estatuto de “Vulnerável”⁴.

3. O teixo no território de Lousada

Apesar da raridade actual do teixo, em épocas remotas a espécie terá tido uma distribuição alargada no nosso país, abarcando grande parte do Norte, Centro e Centro-Sul, chegando mesmo a formar bosques monoespecíficos, as *Teixiras* (Catarino, 2007:126; Pinho, 2007:155). Prova-o a abundante toponímia pré-romana e romana relativa ao teixo, bem como as informações provenientes de estudos de arqueobotânica e de epigrafia.

Relativamente à dendrotoponímia, são frequentes as designações que espelham a presença antiga do teixo, sobretudo aquelas que têm origem etimológica no latim, casos de Taxeira, Teixedas, Teixedo, Teixeira, Teixiras, Teixerinha, Teixeiró, Teixelo, Teixinho, Teixo, Teixoeira, Teixoso (Pinho, 2007:165). Outros topónimos relacionados com o teixo têm provável origem Celta. Entre esses, *Ebora* (em Évora), *Eburobritium*⁵ (em Óbidos) e ainda *Eburobriga* (no Fundão), serão os mais conhecidos⁶. Todos têm em comum a origem na raiz celta **eburo*, “teixo”, sendo que aos compostos *Eburobritium* e *Eburobriga* acresce o segundo elemento, **brig-*, “elevação, castro”, de que resulta, então, *monte ou castro/cidade do teixo* (Pinho, 2007:155; Amaral *et al*, 2000:267).

Menos abundantes, mas igualmente

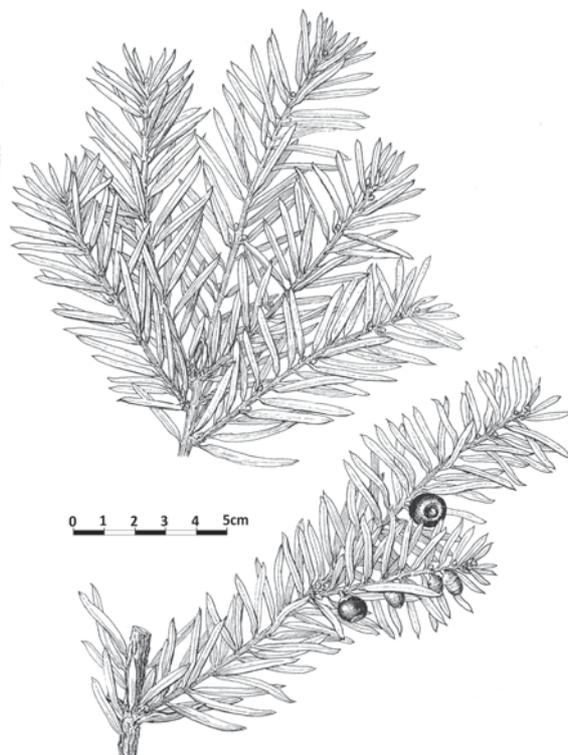


Fig. 2 - Ramo de teixo (*Taxus baccata*) e ramo com frutificação (Franco *et al*, 1982:313)

esclarecedores, os dados arqueológicos parecem corroborar esta ampla distribuição da espécie e, sobretudo, o seu forte simbolismo cultural. É bem conhecido o carácter funerário e místico do teixo, sobretudo na tradição religiosa celta, onde a sua longevidade extrema aliada ao carácter sempre-verde da folhagem e a resistência da madeira à putrefacção, eram venerados como símbolos de imortalidade e ressurreição (Redentor, 2002:241; Catarino, 2007:131; Chevalier *et al*, 2009). Não surpreende, por isso, que noutras tradições religiosas, designadamente a cristã, o teixo tenha subsistido até à actualidade como árvore funerária. Segundo Marta Herrero e Julián Martín (2004:194) são raras as ermidas que na Galiza, na Cantábria, mas sobretudo nas Astúrias, não exi-

bem, ainda hoje, teixos plantados nas suas imediações, enquanto na Irlanda, na procissão dos ramos que precede a Páscoa, à falta de palmeiras, os ramos espalmados dos teixos servem ainda hoje de palma (Mabey, 1996:54).

É neste quadro antigo de realidades transcendentis conotadas com o teixo, que enquadrámos a presença desta espécie numa amostra de carvão proveniente da condenação do corredor intratumular da mamoa do Castelo (Murça), construída no último quartel do 4º milénio a.C.. De resto, as considerações tecidas a este propósito pela autora do estudo são elucidativas: *Trata-se de uma árvore conotada com a morte e, assim, bem apropriada no contexto de monumentos funerários [megalíticos]* (Figueiral, 2004:47).

A mesma acepção verifica-se em relação à epigrafia.

Representações de elementos vegetais claramente conotados com o teixo, alguns dos quais erroneamente interpretados como “árvores”, “palmas” “palmetas” ou “folhas de palma” (Herreo *et al*, 2004:195), ocorrem, um pouco por todo o país, tanto em altares votivos como em estelas funerárias conotadas com o substrato indígena, conforme clarificaram Armando Redentor (2002:241) e José Encarnação (2008:118-120)⁷.

Tal como vimos para muitas regiões do país, também em Lousada o teixo se encontra extinto, apenas subsistindo na memória toponímica e arqueológica. Fig.3 Relativamente à toponímia, a leitura dos Livros das Matrizes Prediais Rústicas do Concelho de Lousada (1899-1981) permitiu identificar dois topónimos conotados com o tei-

⁴ Decreto-Lei n.º 140/99 de 24 de Abril – Anexo B-1 e Directiva 92/43/CEE – Anexo I.

⁵ Neste caso, segundo Pedro Barbosa (1992:24) **brig ter-se-à* latinizado para **britt*.

⁶ Outros topónimos com origem em **eburo*, são Évora de Alcobça e Ebora (no cabo da Roca), prova da ampla distribuição da espécie na Idade do Ferro.

⁷ Veja-se o excelente exemplo que constitui o Altar a *Fortuna*, de Tongobriga (Marco de Canaveses).

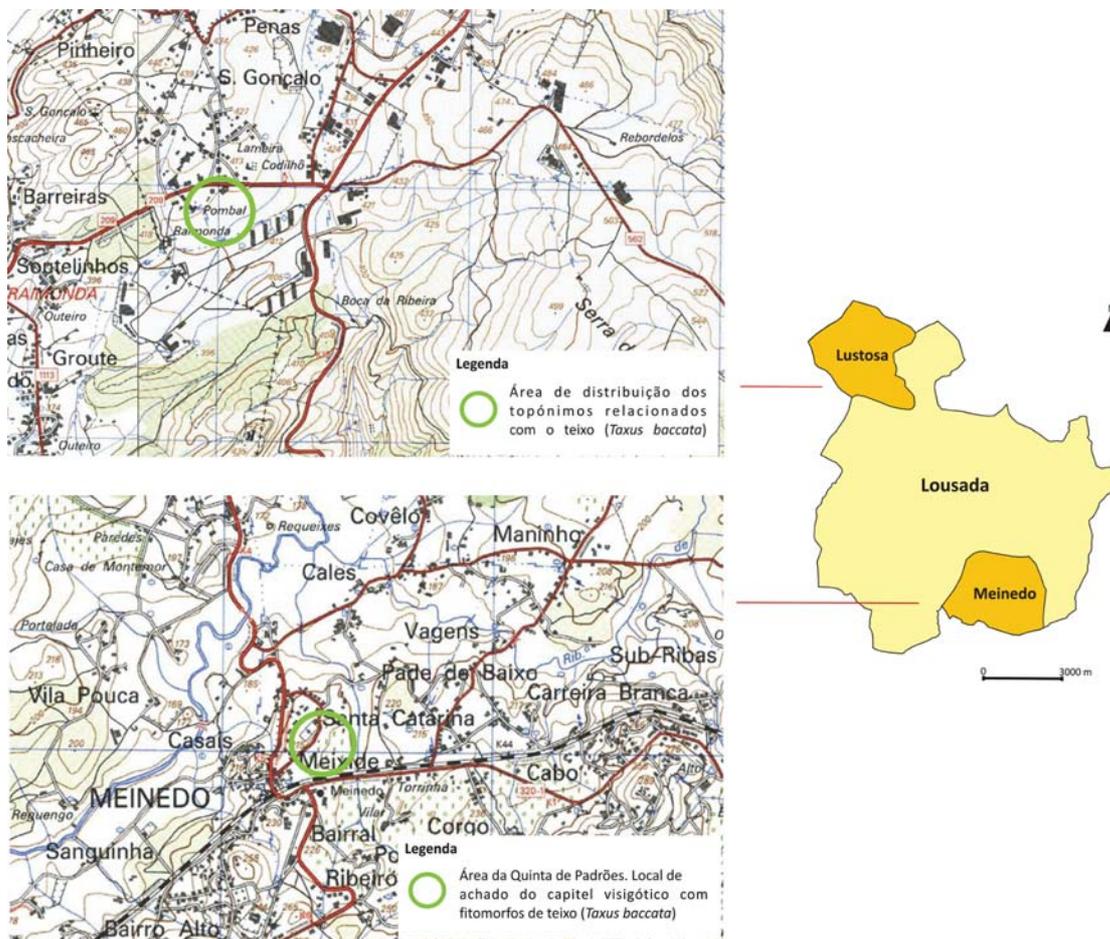


Fig. 3 - Distribuição da toponímia e dos vestígios arqueológicos relacionados com o teixo no concelho de Lousada - Excerto da Carta Militar de Portugal, Folha n.º 99 (Lustosa) e 112 (Meinedo). Escala 1:25 000.

xo, ambos na mesma freguesia (Lustosa) e ambos no mesmo lugar (Pombal): “Bouça do Teixo” e “Campo do Teixo”. Embora desconheçamos a época em que os topónimos se firmaram, é sabido que na toponímia fitonímica, como observou Carlos Marques (1984:102) “cada uma das (...) espécies caracterizava o respectivo local na época da denominação”, por outras palavras, sendo o teixo uma árvore de crescimento particularmente lento, porém especialmente longeva, é de crer que a fixação dos topónimos tenha tido por base a presença de um exemplar de singular compleição e/ou o reconhecimento da sua raridade no contexto local. Seja como for, a presença da espécie desapareceu da memória colectiva local, sobrando o topónimo que nos remete, como vimos anteriormente,

para a etimologia latina, cuja cultura, no concelho de Lousada, apenas se consubstancia a partir da ocupação efectiva do território, já durante o Baixo-Império (séculos III-IV, d.C.) (Nunes *et al*, 2008:46). Questiona-se, então, a razão deste topónimo ter sobrevivido apenas em Lustosa. A resposta reside, talvez, na própria biologia e ecologia da espécie. Efectivamente, o teixo vegeta, preferencialmente, em vales e encostas húmidas, onde as temperaturas não são muito elevadas, já que para a sua presença parece ser importante a abundância de humidade no solo, principalmente no período sem chuvas. Resiste bem ao ensolelamento, razão pela qual surge frequentemente associada a bosques caducifólios, sobretudo de *Quercus*. Apesar de tolerar bem os solos ácidos e suportar altitudes superiores a

1000m, prefere áreas de altitudes mais baixas, mesmo que pedregosas. Ora, a orografia da freguesia de Lustosa, com altitudes médias acima dos 400m, e condições edafoclimáticas adequadas à subsistência desta espécie, poderá explicar a sua persistência nesta zona de média montanha. Por outro lado, apesar da regressão generalizada da floresta portuguesa a partir da Baixa Idade Média, com as colinas minhotas a apresentarem já um certo descontínuo na centúria de Duzentos (Vareta, 1985:50), temos, para a mesma época, na região de Lousada, precisamente nas áreas de maior altitude, indícios seguros da presença de importantes manchas de floresta madura de fagáceas (Nunes, 2009:62), típica do Carvalho da Zona Temperada Húmida, onde o elenco florístico inclui, nomeadamente, o tei-

xo (Cabral *et al*, 1999:42). Corroborando a presença do teixo, ou pelo menos a sua memória na região de Lousada durante a Idade Média, encontramos em Meinedo, na Quinta de Padrões, num sugestivo elemento iconográfico que, numa primeira abordagem, na esteira de A. de Sousa Oliveira (1969:50), havíamos interpretado erradamente⁸. Referimo-nos a um capitel visigótico (século V-VIII), certamente pertencente ao templo pré-românico que precedeu a actual Igreja Paroquial de Meinedo, e que apareceu na Quinta de Padrões, na altura da construção da casa. Tratar-se-ia, segundo o autor, de um capitel em granito, de forma cúbica, com uma decoração constituída por palmetas, a modo de espinha de peixe. E adiante, esclarece: “A palma, encarada pelos cristãos como emblema do martírio (...), símbolo por excelência da Árvore do Paraíso, aparece-nos figurada com a estilização que já encontramos nos monumentos romanos (...). Sendo inequivocamente uma representação fitomórfica aquela que se observa no capitel em questão, somos da opi-

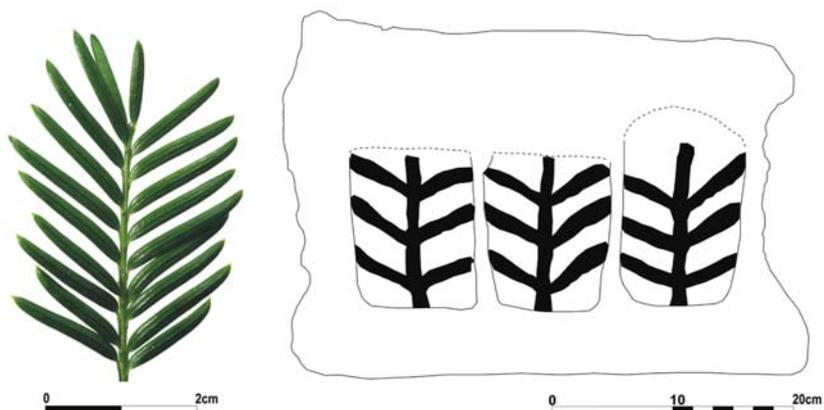


Fig. 4 - Desenho da parte frontal do capitel visigótico da Quinta de Padrões, (Meinedo) com a representação esquemática de folhas de teixo. Ao lado, fotografia de um ramo de teixo.

nião que, à semelhança de outras, conhecidas em templos asturianos pré-românicos (Encarnação, 2008:119), concorre muito mais para uma representação estilizada do ramo de teixo, que para uma exótica folha de palma. De resto, a representação esquemática que efectuamos do capitel e à qual juntamos uma fotografia de um ramo de teixo^{Fig.4}, não deixa hesitações quanto às semelhanças. Ainda assim, se dúvidas houvesse, bastaria recordar que o provável carácter totémico do teixo nas comunidades

indo-europeias e, por conseguinte, a sua pervivência enquanto reminiscência pagã, se manteve até épocas tardias, incorporada nos cultos cristãos (Herreo e Martins, 2004:195). Recorde-se, a este propósito, que ainda em meados do século VI, o *De Correctione Rusticorum*, de Martinho de Braga, dava nota que era prática comum a veneração, por parte das populações camponesas “ignorantes”, de pedras, rios e árvores (Frighetto, 1999:146) e, de entre estas, certamente o teixo.

Bibliografia

- AMARAL, J.F. e AMARAL, A.F. (2002) - *Povos antigos em Portugal. Paleontologia do território hoje Portugal*. Lisboa: Quetzal Editores.
- BARBOSA, P. (1992) - *Povoamento e estrutura agrícola na Estremadura Central*. Lisboa: INIC.
- CATARINO, F. (2007) - Relíquias em Terras Altas. In *Árvores e Florestas de Portugal - Do castanheiro ao teixo, as outras espécies florestais*. Vol. V. Lisboa: LPN/FLA.
- CABRAL, F.C. e TELES, G.R. (1999) - *A Árvore em Portugal*. Lisboa: Assírio & Alvim.
- CHEVALIER, J. e GHEERBRANT, A. (2009) - *Dicionário dos Símbolos: Teixo*. Lisboa: Teorema.
- ENCARNAÇÃO, J. (2008) - Ebvrobriга, “cidade do teixo”. Separata da revista *EBVROBRIGA*. Vol. 5. Fundão: Museu Arqueológico Municipal José Monteiro, p.109-120.
- FIGUEIRAL, I. (2004) - Antracologia e Megalitismo na região Corgo/Tua (NE Portugal): as mamoaas da Alagoa e do Castelo. *PORTVGALIA*. Nova Série. Vol. XXV, p. 43-52.
- FLORUS, L.A. (1896) - *Epitomae*, II, 33. Leipzig: Edic. Rosbach. Teubner.
- FRANCO, J.A. e AFONSO, M.L.R. (1982) - *Distribuição de Pteridófitos e Gimnospérmicas em Portugal*. Lisboa: SNPRPP.
- FRIGHETTO, R. (1999) - Religião e poder no reino Hispano-Visigodo de Toledo: a busca da unidade político-religiosa e a permanência das práticas pagãs no século VII. *IBERIA*. N.º2., p.133-149.
- HERRERO, M. G. e MARTÍN, J.F. (2004) - *Taxus bacata*. Conimbriga. Vol. XLIII. Coimbra, p. 191-198.
- Livro das Matrizes Prediais Rústicas (1899-1981) - Freguesia de Lustosa. Vol. I e II. Lousada: Junta das Matrizes do Concelho de Lousada.
- MABEY, R. (1996) - *Flora Britannica: the definitive new guide to Britain's wild flowers, plants and trees*. London: Sinclair-Stevenson Ltd.
- MARQUES, C.S. (1984) - Contribuição para o estudo da toponímia do concelho de Vila Nova de Gaia. *GAYA*. Vol. II. VNG.
- NUNES, M.; SOUSA, L. e GONÇALVES, C. (2008) - *Carta Arqueológica do Concelho de Lousada*. Lousada: CML.
- NUNES, M. (2009) - A paisagem agrária do concelho de Lousada no século XIII: notas arqueológicas, toponímicas e documentais. *OPPIDUM*. N.º 3. Lousada: CML, p.47-74.
- OLIVEIRA, A.S. (1969) - *A igreja românica de Santa Maria de Meinedo e a sua raiz na Alta Idade Média*. Porto: Associação Cultural Amigos do Porto. Vol. IV. Tomo II e III, p.35-51.
- PINHO, J. (2007) - As árvores na toponímia portuguesa, p.149-244. In *Árvores e Florestas de Portugal - Floresta e Sociedade, uma história em comum*. Vol. VII. Lisboa: LPN/FLA.
- REDENTOR, A. (2002) - *Epigrafia Romana da Região de Bragança*. Lisboa: IPA.
- VARETA, N. (1985) - Para uma geografia histórica da floresta portuguesa. As matas medievais e a «coutada velha» do rei. *Revista da Faculdade de Letras: Geografia*. I Série. Vol. 1. Porto: FLUP.

⁸ Cf. Carta Arqueológica do Concelho de Lousada (Nunes *et al*, 2008:140). *Núcleo de Povoamento Romano e Medieval de Meinedo*. (Cód. Inv. MEI2. N.º Carto.94).